

**“A EDUCAÇÃO QUE TEMOS E
A EDUCAÇÃO QUE QUEREMOS**

**DA EDUCAÇÃO BÁSICA
À PESQUISA ACADÊMICA”**



DIAS 28, 29 E 30 DE SETEMBRO

XV JORNADA ACADÊMICA DO MESTRADO E DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

Arquitetura e Educação: o Modernismo brasileiro tensionado por meio dos conceitos de paisagem e heterotopia

Bruno Cristiano dos Santos
Universidade de Santa Cruz do Sul
Camilo Darsie de Souza
Universidade de Santa Cruz do Sul

Eixo 2- Educação, Cultura e Produção de Sujeitos

A arquitetura e a educação são campos que podem ser pensados de maneira articulada, pois a partir dos conceitos que envolvem suas discussões, é possível se observar como as relações de poder produzem sujeitos. Desta forma, o principal questionamento deste trabalho é: de que formas os elementos arquitetônicos modernistas, projetados e construídos na década de 1940, no Brasil, podem ser entendidos como ferramentas biopolíticas? Diante desta questão, opera-se por meio das noções de paisagem e heterotopia. Adota-se, portanto, uma perspectiva em que o espaço é entendido como produto e produtor das relações de poder, ao mesmo tempo em que educa por meio das edificações urbanas.

A Paisagem e as Heterotopias

A paisagem compreende o conjunto de materialidades e sociabilidades que podem ser observadas a partir de determinados enquadramentos, como se fosse uma fotografia das formas espaciais. Ela abrange, especialmente, o conjunto de transformações geográficas e históricas que podem ser observadas enquanto elementos visíveis que sobrepõem épocas distintas. Assim, pode ser entendida, de forma ampla, como um instrumento de poder, pois funciona como uma dimensão balizadora dos fluxos e das compreensões sociais, operando sobre modos de ser e de estar no espaço que, conforme apontado por Darsie e Weber (2020), estabelece-se a partir do conjunto de dinâmicas que envolvem toda a vida e se configura a partir de relações de poder. Para Santos (2006), a paisagem deve ser entendida como um

conjunto de formas naturais ou construídas, que expressam relações entre o ser humano e o ambiente, de forma sucessiva. É através dela que estão expressas, em conjunto, as relações vivas, produtivas e materializadas que constituem o espaço. Deste modo, entendo a paisagem enquanto um conceito operacional que permite observar o espaço sob uma dimensão que considera a conjunção de elementos naturais, tecnificados, socioeconômicos e culturais sobrepostos e interligados.

Para Foucault (2008), o poder não é um recurso que determinadas pessoas ou instituições possuem, mas uma força que atravessa e constitui as relações sociais, constantemente. O poder se desenrola por meio de práticas discursivas, ou seja, através da linguagem, das práticas e dos conhecimentos produzidos e compartilhados socialmente. Diante disso, neste estudo, toma-se a paisagem como protagonista da relação poder-espaço, a partir do conceito de heterotopia em articulação à arquitetura modernista brasileira da década de 1940. A partir desta ótica, a paisagem se torna uma estratégia biopolítica, a partir de seus elementos e de suas relações com os demais. Podemos nos atentar ao analisarmos a obra de Lynch (1997), para uma organização da identificação do ambiente. O autor expõe, de forma breve, o conceito com base nos parâmetros de desenvolvimento das cidades ao definir as paisagens e propor que o ambiente se torne legível ao possibilitar uma experiência urbana de forma mais acentuada quando introduzindo o sujeito à morfologia geral das cidades. Desta forma, a cidade passa a explorar uma real competência da expressão visual e de toda a sua profundidade.

As heterotopias podem ser descritas como estruturas que materializam utopias, ou seja, lugares com normas e funções distintas inseridos em outros lugares, mas que à primeira vista não são percebidos como destoantes dos entornos que os envolvem. Elas são recortes espaciais que funcionam como multicamadas de complexidade, em condições não hegemônicas, que possuem aberturas e fechamentos que auxiliam suas distinções. Ao falar sobre elas, Foucault (1986), traçou alguns princípios relevantes para que fossem problematizadas.

O primeiro, define que as heterotopias fazem parte de todas as culturas, ao longo de suas histórias. Nesse sentido, é importante destacar que, mesmo que o pensamento crítico em torno da paisagem só tenha nascido após a segunda metade do século XX, as relações de poder que envolvem as formas que as compõem existem desde as primeiras formações sociais. O segundo princípio relaciona-se ao tempo, pois as heterotopias sofrem transformações em relação às suas funções com o passar dos anos, estando associadas a diferentes momentos que transformam as parcelas espaciais em que estão inseridas. No caso

das edificações modernistas do século XX, por exemplo, obras como a antiga sede do Ministério da Educação e Saúde do Brasil, projetada pela Escola Carioca de Arquitetura, teve sua significação alterada desde que foi construída. Uma vez vista como artefato transformador e monumento de inovação social, durante a década de 1940, hoje se encontra inerte em relação a outros tantos projetos que a cercam e que projetam-se como outras heterotopias.

O terceiro princípio refere-se à sobreposição e à representação de diversas tramas que articulam lugares em ambientes. Isso ocorre, entre outros casos, no paisagismo das edificações tensionadas. Burle Marx, por exemplo, demonstra a recriação das correntes do rio Amazonas em jardins, de modo a projetar a articulação de espacialidades diversas em lugares distintos. O quarto princípio é o das heterocronias, entendidas como peças funcionais das espacialidades que operam de forma cumulativa. Um exemplo clássico seriam museus, bibliotecas e cemitérios, mas pode-se encontrar essa relação em quase todas as paisagens, como nas formadas pelas praças onde a vegetação passa a se desenvolver através dos anos. A morfologia urbana em constante transformação é uma forma de heterocronia, pois é através do tempo que se gerencia a ideia de acúmulo cultural em um artefato do ambiente.

O quinto princípio envolve a ideia da concepção e arquitetura como o preenchimento de um espaço, conforme proposto por Leitão e Lacerda (2016). Cada paisagem possui uma delimitação territorial própria, podendo ou não ser visível, como a delimitação de zonas e vias centrais que controlam de forma indireta as entradas e saídas de determinadas zonas urbanas. Este princípio é o marco de acesso e livre transição que passa a ser desestabilizado pelo uso de pilotis, no caso das obras modernistas. Os pilotis são caracterizados como um conjunto de colunas que servem de sustentação estrutural para uma obra, expostas de forma visível no térreo, garantindo o acesso livre do pavimento, o que o transforma em espaço público.

O último princípio das heterotopias diz respeito ao fato de promoverem a expansão territorial ou simbolizarem o preenchimento do espaço (FOUCAULT 1986). Assim, operam na criação de recortes espaciais próprios, com suas próprias regras de funcionamento em forma de corpo vivo. Seria esta a noção do urbanismo, por meio da qual o ambiente urbano se constitui a partir da morfologia, das delimitações territoriais, de suas normas (LYNCH 1997).

Como resultante de uma aproximação entre a Arquitetura e a noção de espaço disciplinar de Foucault (2008), não seria equivocado afirmar que a própria concepção de estilos e movimentos de conceitos de projetos, como o modernismo, durante o século XX,

formam um resultante que se enquadra nas heterotopias foucaultianas. A arquitetura moderna é um exemplo de como o espaço é intrinsecamente ligado às biopolíticas, resultando em heterotopias, onde tais conexões são perceptíveis nos momentos em que é possível atravessar um recorte temporal para que seja permitida análise através das décadas.

Foucault (1986) utiliza como exemplo o paisagismo, pois é um exemplo bastante didático de como a sobreposição temporal é um traço marcante e único. Ao implementarmos um parque ou paisagismo sistemático como referenciado a Burle Marx, leva-se um determinado período de tempo para que a vegetação e as árvores aflorem. Desta forma, um conjunto espacial que seja de fato uma ferramenta cultural de atravessamento de sujeitos passa a estar associada a um período de transição para o recorte da paisagem. A Arquitetura, assim, não somente molda a paisagem, balizada pela ideia de morfologia urbana, mas transforma o espaço e as relações que lhe constituem.

Considerações

Nesta análise se destaca a mudança radical de sobreposição de significados da paisagem dentro dos espaços, como proposto por Foucault (1986) ao discutir o que chamou de heterotopias. Os ambientes são ressignificados pela mudança de olhares através das diferentes gerações que estão sendo atravessadas por estas paisagens. Se vivemos em uma heterotopia nascente no momento atual, a análise desta está intrinsecamente ligada ao momento futuro que sua observação é feita, e, portanto, articulada ao espaço-tempo. De certo modo, o que se observa é que as paisagens transformam significados ao mesmo tempo em que estes transformam suas funcionalidades, de modo a emergirem novos modos de assujeitamento a partir delas.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Heterotopia; Paisagem; Arquitetura

REFERÊNCIAS

DARSIE, Camilo; WEBER, D. L. Disease and space control: issues about dispersion and isolation in pandemic times. **Journal of Infection Control**, v. 9, p. 1, 2020.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil). EDUSP, 2006.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FOUCAULT, Michel. **De Outros Espaços**. Traduzido a partir do inglês (com base no texto publicado em *Diacritics*; 16-1, Primavera de 1986) por Pedro Moura. Conferência proferida por Michel Foucault no Cercle d'Études Architecturales, em 14 de Março de 1967.

FOUCAULT, Michel. **O Nascimento da Biopolítica**, Curso dado no Collège de France (1978 – 1979). Tradução e Revisão por Eduardo Brandão e Claudia Berliner. Martins Fontes São Paulo 2008.

LEITÃO, Lucia; LACERDA, Norma. O espaço na geografia e o espaço da arquitetura: reflexões epistemológicas. **CADERNOS METRÓPOLE**, v. 18, p. 803-822, 2016.